

PRIMEIRA ANÁLISE DA REVISTA *CULT*

Fabiola Alves da Silva 1



Surgia no cenário cultural brasileiro, no dia 21 de julho de 1997, a revista *CULT*, sob a responsabilidade do editor Manuel da Costa Pinto, a direção de Paulo Lemos e publicada pela Lemos Editorial, com sede em São Paulo. A revista, com uma periodicidade mensal, é publicada até hoje, contando com 43 números lançados até o momento. 2 Entretanto este trabalho não irá tratar de todo o corpus da revista: somente será analisado seu primeiro ano, que vai de julho de 1997 a julho de 1998, ou seja, apenas os doze primeiros exemplares.

A revista *CULT*, segundo seu diretor Paulo Lemos e seu editor Manuel da Costa Pinto, quer, “partindo do mundo dos livros e de seus autores, [...] dar um retrato multifacetado do panorama cultural, um retrato necessariamente pluralista (embora seletivo) de uma realidade fragmentária como a nossa...” 3.

É a partir dessa explicação de “realidade fragmentária” que também se explica o nome da revista: “... a idéia do nome *CULT*, fragmento da palavra ‘cultura’ que procura traduzir a instantaneidade e a rapidez caleidoscópica da comunicação contemporânea” 4.

Os objetivos da revista traçados neste primeiro editorial parece que se cumprem ao longo do seu primeiro ano, pois os temas abordados pela revista são realmente “fragmentos” extraídos do vasto mundo da literatura, da cultura ou da arte. E sua “instantaneidade e rapidez caleidoscópica” estão presente nos ensaios que mesclam a

1 Bolsista de Iniciação Científica — CNPq / PIBIC — UFSC.

2 Última revista: *CULT — Revista Brasileira de Literatura*, n. 43, ano IV, fevereiro, 2001.

3 LEMOS, Paulo; PINTO, Manuel da Costa. “Ao leitor” In: *CULT*, n. 1, julho de 1997, p. 2.

4 Idem.

complexidade das análises profundas, típica da reflexão universitária, com um pouco da clareza e da superficialidade dos textos jornalísticos. 5

Já o segundo editorial dá a entender que a revista *CULT* tenta, também, veicular a cultura e a literatura tornando-as acessíveis a toda a população e não somente ser um “‘produto’ para consumo das elites” 6.

Para verificar se os objetivos da revista se realizam é necessário fazer um panorama geral do seu primeiro ano, a partir dos dados do trabalho de indexação 7. As informações obtidas por esse trabalho foram de dois tipos: as descritivas, decorrente da observação e descrição da estrutura da revista; e as quantitativas, provenientes da indexação na base de dados. Em relação ao primeiro, foram observados os seguintes aspectos: a capa, o número de páginas, o número de matérias, as seções fixas e os temas tratados na seção “Dossiê”. Já dos dados quantitativos se agruparam: o vocabulário controlado (tipo de textos encontrados na revista), as palavras-chave, os autores colaboradores e os autores mais citados.

A capa da *CULT*, geralmente, traz uma iconografia associada a um escritor consagrado, que será abordado por alguma das matérias na revista. As iconografias da capa muitas vezes são fotos, mas já houve casos de reprodução de montagem de fotos, caricaturas, reprodução de obras e ilustrações. Todas as capas têm vínculo com a literatura, mas a primeira capa delas destoa (e é a que mais causa impacto), trazendo a foto de Ernesto Che Guevara, em 1960. Além das iconografias, a capa, geralmente, apresenta os temas das seções “Entrevista” e “Dossiê”.

O sumário apresenta as seções que compõem a revista *CULT*, e sempre traz três iconografias que destacam, geralmente, a seção “Entrevista”, a matéria da capa, e o tema do “Dossiê” 8.

O número de páginas da revista varia entre 48 e 60 do primeiro exemplar até o sexto. Já a partir do sétimo número passam a ser 64 páginas. Uma hipótese para o acréscimo de páginas é um aumento no número de publicidades, pois o número de matérias se mantém quase que constante, variando entre 17 e 23, dando aproximadamente, em média, 20 matérias por exemplar.

5 Manuel da Costa Pinto discorre sobre essa dicotomia, acadêmicos e jornalistas, no “Editorial” da *CULT*, n. 9, abril de 1998, p. 2.

6 LEMOS, Paulo. “Ao leitor” In: *CULT*, n. 2, agosto de 1997, p. 2.

7 O trabalho de indexação consiste em ler cada exemplar, realizar resumos das matérias, observar a estrutura da revista, catalogar: tipos de textos, autores colaboradores e citados, palavras-chave, e digitar os dados no computador, em um programa especial.

8 Ocorrem certas modificações no sumário a partir do exemplar n. 12.

Essa quantidade razoável de páginas e de matérias, a boa qualidade da impressão e do material, aliadas às iconografias e à ótima diagramação, dão à revista um aspecto moderno e leve, e com certeza deve ser um dos motivos de seu sucesso e excelente tiragem 9.

As seções fixas que compõem a revista *CULT* são: o sumário (p. 1), “Ao leitor” (p. 2), “Notas” (p. 3), “Entrevista”, “Turismo literário”, “Na ponta da língua”, “Memória em revista” e o “Dossiê”. A seção “Ao leitor” é um editorial que dá um panorama geral das matérias da revista, dando destaque, geralmente, para os temas do “Dossiê”. Esta seção é assinada pelo editor Manuel da Costa Pinto, com exceção apenas do primeiro número (onde assina a seção com o diretor Paulo Lemos) e do segundo número (assinado apenas por Paulo Lemos). A seção seguinte, denominada “Notas”, reúne aproximadamente seis informes sobre: eventos, lançamentos de livros e revistas, seminários sobre literatura, prêmios e concursos literários.

A seção “Entrevista” não possui páginas fixas, mas sempre se encontra no início da revista, e traz entrevistas com escritores, artistas e críticos. Sua estrutura consiste em uma primeira página com a foto (preto e branco) centralizada do entrevistado, uma página seguinte com uma apresentação do entrevistado pelo entrevistador, e a terceira parte composta pela entrevista. Muitas vezes, junto com a entrevista, são colocados trechos de poemas do entrevistado (quando este é poeta), ou uma listagem com suas obras, ou a reprodução de obras de artistas plásticos ou fotógrafos. Já foram entrevistados: Décio de Almeida Prado, Boris Schnaiderman, Arnaldo Jabor, Arnaldo Antunes, Nadine Godimer, Rosângela Rennó, Duda Machado, Bárbara Heliodora, Nelson Ascher, Bernardo Carvalho, Dias Gomes e Hilda Hilst. Cabe ressaltar as entrevistas com Décio de Almeida Prado e com Dias Gomes, porque estão, talvez, entre os últimos registros que os entrevistados deixaram, já que algum tempo depois das entrevistas ambos faleceram. A entrevista com Décio de Almeida Prado foi publicada em julho de 1997 (*CULT* n. 1), e ele faleceu no dia 4 de fevereiro de 2000; e a entrevista com Dias Gomes saiu em junho de 1998 (*CULT* n. 11), e este veio a falecer em acidente automobilístico no dia 18 de maio de 1999.

Outra seção, chamada “Turismo literário”, consiste num ensaio sobre alguma cidade ou lugar relacionado com a vida ou a obra de algum escritor consagrado. Esta seção teve diversos autores colaboradores, dentre os quais destacam-se José Guilherme

9 A tiragem do último número (n. 43) da revista é de 25.000 exemplares.

R. Ferreira, Marcello Rollemberg e Cláudia Nina pela quantidade de contribuições. As cidades ou lugares e autores tratados foram: a cidade de Praga onde viveu Franz Kafka; Lisboa em uma ficção de José Saramago, que faz Fernando Pessoa e seu heterônimo Ricardo Reis passearem pela capital portuguesa ¹⁰; Paris, em particular o “Hotel Sem Nome”, que foi o epicentro da geração beat; Uppsala, a cidade sueca que encantou Michel Foucault, marcando sua vida e sua obra; as histórias de Charles Dickens em Londres; Amsterdã, cidade labiríntica que inspirou o escritor Albert Camus; a região da Mancha, terra do personagem dom Quixote da obra de Cervantes; a Islândia e as sagas do século XII; o Hotel Algoquin, em Nova York, reduto dos intelectuais americanos dos anos 20, como Dorothy Parker, Harpo Marx e Harold Ross; a Shandy Hall, a casa de Laurence Sterne em Coxwold, na Inglaterra; Brasília revelada nos textos de Clarice Lispector e Mário Pedrosa como um projeto utópico de civilização estética; e a casa de Pablo Neruda em Isla Negra ¹¹.

O professor Pasquale Cipro Neto também dá sua contribuição à *CULT* ao assinar a seção “Na ponta da língua”, que discorrerá, sempre em uma página, sobre os erros e os acertos da língua portuguesa. Uma das características de Cipro Neto é a de exemplificar regras gramaticais e sintáticas a partir da música popular brasileira e de obras clássicas da literatura brasileira e portuguesa.

Uma seção que traz à tona revistas e jornais brasileiros antigos é a “Memória em revista”, de Cláudio Giordano. Esta seção ocupa duas páginas ¹² onde se encontram reproduzidos os fac-símiles de capas, crônicas, publicidades de algumas dessas revistas e jornais ¹³. Entre as revistas mais recorrentes na seção, encontram-se: a *Ilustração Brasileira*, que apareceu através dos números 22 de 24/06/1922 e 23 de 24/07/1922; a *Fon-Fon* com os números 38 de 24/12/1908 e 40 de 13/02/1909; e a mais citada, a *Frou-Frou*, criada em junho de 1923, surge através dos números 23 de 04/1925, 25 de 06/1925, 28 de 09/1925, 31 de 12/1925 e 33 de 02/1926.

O “Dossiê” da revista *CULT* apresenta diversas matérias relacionadas a um tema central que sempre possui vínculo com a literatura. Esta seção já tratou de diversos escritores consagrados, geralmente, no aniversário de morte ou nascimento, como: o

¹⁰ Trata-se do livro *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago.

¹¹ A ordem em que aparecem os entrevistados da seção “Entrevista”, assim como os temas mencionados da seção “Turismo Literário” estão dispostos na ordem em que aparecem do primeiro ao décimo segundo exemplar da revista *CULT*.

¹² Com exceção do exemplar n. 6, que reproduziu o poema “O corvo” de Edgar Allan Poe traduzido por Emílio de Menezes com quatro páginas.

¹³ A partir do décimo segundo exemplar, esta seção diminui para uma página.

tricentenário de morte de Padre António Vieira; Dostoiévski; os vinte anos de morte de Clarice Lispector; os cem anos de morte de Cruz e Sousa; o poeta italiano Emilio Villa; e os 80 anos de Antonio Candido. Além dos escritores, o “Dossiê” também se aprofundou em temas, como: os 50 anos do Grupo 47 (literatura alemã do pós-guerra); os cem anos do fim da guerra de Canudos, que rendeu o “Dossiê: Guerra e Literatura”; a ficção científica brasileira; a loucura e a literatura; as leituras de vários críticos sobre o barroco; e o futebol e a literatura 14.

Dentro do trabalho de análise do primeiro ano da revista *CULT*, encontram-se também os dados quantitativos citados anteriormente. Um desses dados é o vocabulário controlado (tipologia de textos encontrados na revista), que apresenta uma predominância do ensaio, com 37% do total de textos, seguido pelas resenhas com 17% 15. Os ensaios possuem subdivisões: literatura 23%; apenas ensaio 9%; cultura 4%; e fotográfico 1%. Há também subdivisões dentro da resenha: literatura 11,5%; apenas resenha 2,5%; cultura 1,5%; antropologia 0,5%; história 0,5%; ciência 0,5%.

Essa quantidade maior de ensaios denota o caráter educativo da revista, que tenta disseminar e tornar acessível o mundo da literatura e da cultura ao público. Já o percentual menor de resenhas, apesar de ser o segundo tipo de texto mais predominante na revista *CULT* desse período, demonstra, ao contrário do que se poderia esperar, que a revista não destaca tanto os novos autores ou novos lançamentos editoriais. Além disso, os novos autores dividem as resenhas com os autores consagrados ou já conhecidos do público.

Neste primeiro ano da revista, as palavras-chave mais recorrentes são: literatura, poesia, Brasil, crítica, tradução, arte, eventos, artes plásticas, biografia e língua. Estas palavras-chave, aliadas ao vocabulário controlado, denotam as pretensões da revista de veicular a cultura e literatura.

Com relação aos autores colaboradores mais recorrentes, os dez primeiros são: Manuel da Costa Pinto, Cláudio Giordano, Heitor Ferraz, Pasquale Cipro Neto, Renato Pompeu, Marcello Rollemberg, João Alexandre Barbosa, Reynaldo Damazio, Len Berg e José Guilherme R. Ferreira. A maioria destes autores possui uma seção fixa na revista,

14 A ordem correta dos temas do “Dossiê” da revista *CULT* é a seguinte: n. 1, Padre António Vieira; n. 2, Dostoiévski; n. 3, os 50 anos do Grupo 47; n. 4, “Guerra e Literatura”; n. 5, Clarice Lispector; n. 6, “Ficção científica brasileira”; n. 7, “Loucura e Literatura”; n. 8, Cruz e Sousa; n. 9, Emilio Villa; n. 10, “Leituras barrocas”; n. 11, “Futebol e Literatura”; n. 12, Antonio Candido.

15 Após as resenhas estão: as apresentações com 11%, os poemas 11%, os informes 8%, as entrevistas 6%, os editoriais 4%, as ficções 2%, as cartas dos leitores 2%, as correspondências 1% e os depoimentos 1%.

por isso são mais freqüentes. É o caso de Manuel da Costa Pinto, que geralmente escreve o editorial e alguma outra matéria, de Cláudio Giordano, que assina a seção “Memória em revista”, de Pasquale Cipro Neto que escreve na seção “Na ponta da língua”, de Renato Pompeu, que a partir do exemplar n. 5 até o n. 10 escreveu uma seção denominada “Joyceanas”, na qual discorria sobre a tradução da obra *Finnegans wake*, de James Joyce, e o de João Alexandre Barbosa que, a partir do n. 9 da revista *CULT*, começará a escrever a seção “Biblioteca imaginária”.

Dos autores mais citados nas matérias da revista aparecem Carlos Drummond de Andrade, William Shakespeare, Manuel Bandeira, James Joyce, Oswald de Andrade, Clarice Lispector, Mário de Andrade, Franz Kafka, João Cabral de Melo Neto e Dostoiévski. É interessante que todos pertencem ao cânone literário e dos dez autores mais citados 6 são brasileiros e 4 estrangeiros, e dentro dos escritores brasileiros três são poetas e há uma única mulher.

Apesar de um panorama bastante reduzido do primeiro ano da revista *CULT*, talvez se possa dizer que alguns dos objetivos da revista foram cumpridos, se aceitarmos a avaliação de se seu editor, para quem a revista atingiu “um padrão de equilíbrio entre a atualidade jornalística das matérias e a profundidade ensaística com que são tratadas”, como diz Manuel da Costa Pinto no décimo segundo editorial da revista. Entretanto não é tão fácil afirmar que ela tenha conseguido atingir a todos como pretendia. Mas a grande vitória da revista *CULT* foi conquistar um espaço, criar uma identidade própria em um momento no qual surgem também muitas outras revistas. Como diz o editor no décimo segundo editorial:

A revista foi lançada num momento singular do meio cultural brasileiro. Acabavam de surgir publicações de poesia e livros como *Azougue*, *Inimigo Rumor* e *Livro Aberto*. Pouco depois da *CULT* surgiram *Bravo!* e *Ventura*, voltadas para artes e espetáculos. Dentro desse panorama, a *CULT* corria o risco de ser apenas mais uma publicação entre tantas outras. Felizmente, para nós, para o leitor e para a cultura brasileira como um todo, isso não aconteceu.